

1968 BARRA 1973: UM TOQUE DO PASSADO

Eduardo F. MONTAGNARI*

RESUMO: Esboço para um estudo dos problemas da juventude e da cultura na relação entre Estado e Sociedade durante a conjuntura brasileira de 1968 a 1973.

UNITERMOS: Estado e sociedade; indústria cultural; contracultura; juventude; comportamento social.

“Tudo em volta está deserto
Tudo certo
Tudo certo como dois e dois
São cinco” (Caetano Veloso)

A maioria entrou “silenciosa” para a história dos anos setenta. No Brasil, depois dos acontecimentos de 68 — quando uma “geração jogou com tudo o que tinha e foi derrotada” —, o corpo da nossa sociedade foi quase que inteiramente tomado de assalto pelo arbítrio da classe dominante que, através do aparelho militar, passou a promover o destino dos dominados, ao reforçar, na estruturação social, critérios ideológicos de riqueza e poder. Da “geral” fomos forçados a assistir a um “milagroso” espetáculo de sedução que nos conduziu ao “deserto” da nossa paixão sufocada. Era uma “quarta-feira de Cinzas no país”: o começo de uma “quaresma” violenta.**

A partir daí, a repressão político-policial, através de atos de exceção como o AI-5, mostra a verdadeira face de um poder auto-centrado. Em nome do desenvolvimento, o Leviatã, transformado em Behemot, coloca tudo que lhe parece contrário sob suspeita: o regime autoritário instalado em 1964, depois de 68, deixa de tolerar qualquer tipo de militância ou manifestação política das classes dominadas

e fecha definitivamente o cerco para as atividades de cunho político de certos grupos (geralmente de intelectuais, artistas, estudantes), dos setores médios. Esses grupos — os “filhos prediletos” da classe média —, foram obrigados a procurar nos “subterrâneos” e na clandestinidade um refúgio fora do sistema: capaz apenas de respostas “marginais” em face da ação violenta de um Estado que já não mais permitia a existência, sequer, daquele âmbito da dimensão pública que se “constitui em toda conversa em que dois particulares se reúnem para formar um público” (5). Generalizada, a paranóia faz de cada conhecido, quase sempre e em alguma medida, um risco e transforma, cada desconhecido, num inimigo potencial.

Dessa forma, no momento em que o indivíduo é impedido publicamente de se manifestar como cidadão (embora no Brasil o espaço da cidadania tenha sido sempre restrito); no momento em que sua vida privada, quer dizer, sua própria intimidade doméstica já não conta como garantia de segurança, nesse momento, então, o seu último e único refúgio parece ser ele mesmo. Portanto, é aí, no seu isolamento, que esse indivíduo vai buscar consolo e acaba por descobrir que todo seu potencial, toda sua energia, ou seja, tudo aquilo que afirma sua identidade, está encarcerado.

* Mestrando do curso de Pós-Graduação da Área de Concentração em “Sociologia Urbana e Rural” — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14 800 — Araraquara — SP

** A ideia de comparar o período 68/73 a uma quaresma, foi nos dada pela leitura de uma entrevista de Alfonso Romano de Sant’Ana Revista Psicologia/Atual, Grupo Editorial Spagat, n.º 30, jan. fev. 83
O verso “Quarta-feira de Cinzas no país” e da canção Saudosismo de Caetano Veloso

“Os cidadãos agem como um público quando, não estando submetidos a nenhum constrangimento, isto é, com a garantia de poder se encontrar e associar-se livremente, de poder exprimir e publicar livremente suas opiniões, discutem problemas de interesse comum” (5). Assim, no instante em que o poder se autocentraliza e as medidas de exceção passam a ser regras, quando o governo passa a “ser” a Nação e quando a dimensão pública, onde nasce e cresce a opinião pública é “achatada” ainda mais, então desaparece a arena política — âmbito onde se encontram os meios e os recursos necessários ao agir político. Aos derrotados (dentro e fora do sistema), só restam o exílio e o mergulho numa subjetividade dilacerada e quanto aos governantes, travestidos de monarcas, passam a apresentar, “podem apresentar; eles apresentam sua dominação, não no lugar do Povo, mas “diante” do Povo” (5).

A esfera pública é definida, como sendo “a dimensão mediadora entre a Sociedade e o Estado” e a opinião pública que aí aparece é definida como “as tarefas de crítica e do controle que o público dos cidadãos exerce de modo informal — e também formalmente durante eleições periódicas — sobre o domínio do Estado” (5). Ora, se ficarmos apenas no movimento que advém da posição que o Estado brasileiro, num acesso de megalomania, adota a partir de 1968, vemos a Sociedade praticamente travada em suas possibilidades de opinião/atuação, já que o Estado toma para si a maior parte das tarefas que, em outras circunstâncias, caberia à sociedade. Para ficarmos, num só exemplo, isso parece claramente na atitude que o Estado adota quando se propõe como únicas obrigações de publicidade (a situação contrária permitiria à sociedade o controle da atividade estatal), a de divulgar apenas suas “grandes obras governamentais, apelando, como nunca, para as nossas tão decantadas riquezas nacionais:

o slogan — “Brasil ame-o ou deixe-o” — resume essa política toda.

E eis que o anjo me disse
apertando a minha mão
Entre um sorriso de dentes
Vai Bicho
Vai Bicho

Desafinar o coro dos contentes
(Jards Macalé — Torquato Neto)

Acontece que esse movimento, que força a sociedade civil (já que é dessa sociedade que estamos falando) a ocupar um lugar de simples e acomodada espectadora, não é único. Apesar de toda e qualquer imposição, a sociedade civil ainda tem vida própria e mesmo quando tudo indica o contrário, ela não desaparece assim, de repente, pela vontade absoluta do Estado. A dicotomia Estado-Sociedade, como foi formulada por Gramsci, depende, em cada uma de suas configurações concretas, da complexidade real da situação global das classes sociais — que ele denomina de “bloco histórico” —, onde, mesmo em regimes autoritários, a sociedade civil nunca perde por inteiro o seu aspecto ativo e positivo no desenvolvimento histórico* (2).

Na época, os serviços dos “meias” da dimensão pública (jornais, revistas, rádio, televisão, voltados que são para um público mais amplo), são colocados em função quase que exclusiva dos interesses dominantes (controlados que são pela Censura Prévia). Exemplos marcantes tais como o da ascensão da T.V. Globo e o da difusão generalizada dos fascículos da Abril Cultural, dão a medida do desenvolvimento da Indústria Cultural que procura acompanhar, nesse período, a “modernização” do país. O que é produzido por essa indústria cultural crescente, através da ampliação do mercado consumidor, da individualização dos bens e das formas breves de vida, faz a divulgação, por todos os meios, do espetáculo da superficialidade e do consumo. Tudo bem ao gosto da classe média que não consegue deixar

* Para Gramsci, a sociedade civil é momento constituído de dois movimentos distintos: um que vai de estrutura para a superestrutura e outro que tem lugar na própria estrutura.

de se curvar aos acenos de uma “bela carreira” e da ascensão social. A cultura brasileira se afirma então, como a cultura da sorte, do jogo, do êxtase de consumo rápido, a ser continuamente reposto, mais e mais, segundo a lógica do lucro.

É por aí que vemos diferenciar, dentro do corpo social, algumas formas particulares de resistência. Por um lado, a “modernização” e o “crescimento econômico” buscam divulgar comportamentos padronizados, através de formas standatizadas, onde o ufanismo ao lado do consumismo dominam quase todos os campos (notadamente os “campos de futebol”). Por outro, na época, as chamadas “soluções alternativas”, não deixam de refletir respostas “marginais”, as quais permitem conceber dentro da sociedade, “focos de resistência”. Estes não se identificam com a simples reprodução da ordem estabelecida, ao contrário, veiculam seu protesto da maneira que lhes é possível. O silêncio da “maioria” é a permissão para que o “ruído” das “minorias” comece a ser escutado.

O “modo de ver” a vida nos fornece os elementos para a análise do comportamento transgressor que vigora durante o início dos anos setenta e que está presente, inclusive, na produção cultural de uma certa área da juventude (ou da parte daqueles que com ela se identificam). A própria linguagem verbal exemplifica essa “visão de mundo” comunicada nas entrelinhas de um repertório permeado por um léxico repleto de novas metáforas. A gíria comunica uma outra dimensão dos significados existenciais, revelando, ao mesmo tempo, a não identificação do seu usuário com o estado geral que medra no país. Ao implodir, no jovem, o descontentamento individual, as conseqüências são: primeiro, o desconcerto da família e em seguida, o abalo da sociedade.

Uma análise de textos da música popular que versam sobre o cotidiano e sobre as experiências solitárias (as canções de Macalé e Wally); de encenações como

“Gracias Señor” (Teatro Oficina); de jornais alternativos (como o “Flor do Mal”), etc., podem servir como exemplos dessa reação que estamos, agora, reconhecendo. Até então, tinha sido apenas sugerida a simples absorção de algumas “idéias estrangeiras”, a partir daí: “as sugestões da “revolução individual” que estiveram presentes no Tropicalismo, encontram um solo fértil. A descrença em relação às alternativas do sistema e à política das esquerdas dá lugar ao florescimento, em áreas da juventude, de uma postura “contracultural”. A droga como experiência de alargamento da sensibilidade e de mudança de cabeça, a valorização da transgressão comportamental, a marginalização, a crítica violenta à família — nesse momento, mais que nunca “fechada” com o Estado, que lhe oferece as delícias do “milagre econômico”—, a recusa do discurso teórico e intelectual, crescentemente tecnicista e vazio, o sentido da *viagem*, do “ir fundo na existência”— que tem seus aspectos dramáticos na vivência—limite da loucura e do desajustamento dão o tom de desbunde: (6: 95) “a cultura e a civilização”, gritava Gal Costa na virada da década, “elas que se danem ou não”.*

Trata-se, portanto, aqui, de considerar a realidade objetiva que existe no momento analisado e da qual faz parte essa ideologia que, pode ser entendida como “visão de mundo”, vinculada organicamente a uma norma de conduta, como modo de vida, pertencente muito mais à ordem da crença, da convicção profundamente vivida, da vontade (3).

Assim, esse “modo de ver” a vida encontra, em obras com a de, por exemplo, Norman Brown (o qual reúne, num único discurso, elementos oriundos do marxismo, da filosofia oriental e da psicanálise), os pressupostos de um “movimento” que vê a sociedade industrial (e, portanto, a própria indústria cultural) como grande inimiga. O “jovem rebelde”, anunciado e transformado em arquétipo

*Parafraseando Heloisa Buarque de Hollanda e M. A. Gonçalves (6: 95).

já nos anos 50, desde a “beat generation”, surge, agora como verdadeiro fenômeno. A resistência pacífica, a visão “búdica”, encarna, nesse momento, a conduta que a esquerda tradicional denomina de “alienada” e que a direita considera como “transviada”. Droga e sexo são os principais traços de um fenômeno cultural que tem, na transgressão do comportamento social, sua principal caracterização. A “razão” encarada mais como forma de mistificação do que forma de clarificação, deixa de ter crédito e a “ciência”, acusada de possuir um discurso autoritário (saber é poder), e a grande responsável por uma civilização que só produz infelicidade. A descença nos valores estabelecidos termina, enfim, na conclusão de que, a “educação resultou em asfixia de nosso instinto criador e a obediência, em mutilação do próprio sexo” (7:70).

Como escreve Luis Carlos Maciel, propaga-se a crença de que uma revolução cultural está em marcha. Uma revolução que, mudando apenas o aqui e o agora, não se pretende destruidora para ter de começar tudo de novo. Prefere assumir a tarefa, montada sobre os ombros da tradição mas sem qualquer compromisso, de colher forças antes desprezadas: o êxtase, o ritmo, a cor, o sonho, a paz (7: 70-71).

“Não preciso de gente que me oriente
Se você me pergunta: como vai?

Respondo sempre igual: tudo legal...” (Macalé-Waly).

Julien Beck e o Living Theatre visitam o Brasil em 1971. Dessa viagem, que termina com a prisão de todo o grupo teatral, existe um relato sobre o tratamento que, nesse tempo, também era dispensado aos “brasileiros rebeldes”: “La policia secreta del Brasil, el Departamento de Orden Político y Social, se ocupa de dos cosas, y sólo de dos cosas: ‘la subversión’ (revolución) y las drogas. El Departamento de Orden Político y Social (normalmente denominado Dops) es famoso por los medios que utiliza para obtener infor-

mación de los revolucionarios. Tienen un pequeño generador de electricidad manual, made in USA, que las fuerzas estadounidenses en Vietnam utilizan para hacer funcionar los teléfonos de campaña, y los cables se conectan a las manos, pies o peenes de la víctima, o se enroscan bien apretados a sus testículos o pechos. En ocasiones, si la víctima cuelga suspendida de la ‘percha de loro’ - una vara que se introduce entre la parte posterior de las rodillas y los codos después de que se han atado las muñecas a los tobillos y la vara así alzada se apoa en dos mesas -, en ocasiones los cables se fijan en la vagina e en el ano. Luego ‘el hombre’ hace funcionar el generador. El Dops también administra fuertes palizas, rompen huesos, aplastan dedos, introducen tubos de goma en la garganta y en la nariz y meten agua por ellos. Las víctimas se ahogan de ese modo... *No carece de interés que tales métodos para conseguir información se utilicen no sólo a revolucionarios, sino rutinariamente, cada día de la semana brasileña, a gente detenida por acusaciones de marihuana, gente detenida por haber fumado una vez.* He estado fuera de la habitación, impotente, destrozado por mi incapacidad para hacer algo mientras los gritos de los fumadores me desgarraban”.* (1:163-164).

Essas pessoas, geralmente jovens de classe média, que vivem entre a explosão da indústria cultural, atrelada à “modernização” do país e entre o sufoco da repressão policial, muito embora não tenham um “Vietnam” como experiência efetiva, aceitam uma versão do pacifismo, como a única forma possível de “trégua pessoal”. Eles encontram nos pressupostos da contracultura um antídoto, uma saída prática e momentânea, mesmo que parcial, para uma situação na qual não se reconhecem e na qual não sabem quem são.

Dentro desse contexto, não se pode negar o papel que as chamadas “drogas” tiveram; “especialmente as drogas alucinógenas consideradas em muitas culturas

* Celdas de Detencion, Departamento de Orden Político y Social, Belo Horizonte, Brasil, 15 agosto 1971. O grifo e nosso

primitivas, como drogas sagradas, feito a mesalina, o peiote, os cogumelos mágicos, a própria cannabis em algumas culturas. E a essas drogas tradicionais, que foram utilizadas com finalidades religiosas por culturas primitivas, juntou-se uma droga alucinógena criada pelo nosso mundo tecnológico, que foi o LSD (...). De qualquer maneira, quer houvesse drogas, quer não houvesse - e parece que é um dado estatístico que a maioria das pessoas envolvida nessa mudança de comportamento pelo menos experimentaram uma ou mais dessas drogas - o fato é que estava surgindo uma nova maneira de sentir as coisas, de sentir a vida e, portanto, de se comportar em relação a ela. E isso aparecia em vários níveis (...) na trilha da redescoberta do corpo e da valorização dos sentidos". (7:76-77).

“Tente usar a roupa que estou usando
Tente esquecer em que ano estamos”.

(Luís Melodia)

É bem verdade que a contracultura (sem considerar a contradição do vocábulo), não conseguiu trilhar o caminho para uma transformação mais radical. Na realidade, a contracultura não passou de um movimento “periférico” e que foi diluído pelos agentes do sistema — da mesma forma como fazem com todo e qualquer “movimento rebelde” —, ganhando rapidamente o estatuto da “moda”: próprio da lógica do capitalismo monopolista.

Quanto ao comércio das drogas (que não entra, aqui, como pretensão de análise, uma vez que ele é contingente a todo esse processo), poderíamos entendê-lo melhor, a partir de uma análise que retivesse o seu aspecto de economia intersticial ao sistema capitalista em geral. Esse comércio se presta a aspectos os mais escusos, como aliás todo o comércio farmacêutico, embora não estejamos considerando, aqui, as drogas químicas autorizadas.

Agora, porque os jovens, ou as pessoas em geral consomem drogas, é outra questão e de difícil compreensão para quem quer que queira se inclinar no estu-

do do problema. Os caminhos que levam ao consumo delas são os mais variados. Pasolini, por exemplo, ao tentar responder essa questão numa de suas “Crônicas Políticas” — Droga e Cultura —, acha que “todos os que se drogam são culturalmente inseguros”. Para ele, “a passagem de uma cultura humanista para uma cultura técnica coloca em crise a própria noção de cultura”. Assim, as vítimas dessa crise seriam sobretudo os jovens cuja revolta todavia é inútil, precisamente porque, privada de cultura ou fora dela (8:100-101).

De certa forma, essa questão remonta ao aspecto sobre o qual, ingenuamente, a contracultura se debruçou — simples negação de valores estabelecidos —, uma vez que ela própria se intitulava como uma cultura de ignorantes, uma anticultura, “alguma coisa que desmentisse toda a estrutura da vida civilizada do nosso tempo (...), algo que desmanchasse esse verniz da nossa civilização. Alguma espécie de volta a uma visão mais direta das coisas e a uma maneira mais primitiva de viver”. Assim é que, “no nível estético, por exemplo”, a arte aparecia como uma arte de ignorantes... “que vinha do lixo, que vinha de baixo” (7:76-78) mas que expunha a ferida e colocava à mostra aquilo tudo que de “cima” tentavam esconder: a impotência, a morte, o medo, o dejecto, a dor.

“Mas isso faz muito tempo
No fundo do peito esse fruto
Apodrecendo a cada dentada.”
(Macalé - Duda)

Será também um fator de instabilidade se se deixar de considerar o conteúdo dos movimentos que puderam se desencadear a partir de então. Mesmo que, a princípio, eles pareçam insuficientes e incapazes, temos de levar em conta as várias determinações que conquistam espaços e, a partir daquele período, transcendem tudo aquilo que até então era considerado como fazendo parte da arena política.

Essas determinações — o movimento

ecológico, as manifestações místicas, as “minorias sexuais e étnicas” (pelo menos sociologicamente falando), recolocam a questão de trazer o corpo para a política e a política para o corpo e apesar de possuírem caráter de ruptura parcial, influem atualmente, até mesmo, nos discursos teórico-científicos os quais, ao abandonarem posições logocêntricas, definitivas, atuam significativamente na transformação da própria relação entre o que é público e o que é privado. Essas transformações que terminaram por estabelecer novas dimensões sociais, foram favorecidas inclusive, em alguns casos, pelo próprio desenvolvimento da indústria cultural: pelas “condições objetivas das comunicações (... já) que ninguém foge a essas condições, nem mesmo o virtuoso, que indignado com a natureza inumana do universo da informação transmite o próprio protesto através dos canais da comunicação de massa” (4:11).

Assim, é sobretudo depois de 1973,

para aqueles que vivenciaram a ideologia da contracultura o momento em que “o deserto” começou a ser deixado para trás; quando, por fim, “os santos” já podem ser “descobertos”. É o fim do “milagre”. A crise mundial do petróleo é o primeiro dentre os muitos problemas pelos quais a nação vai ter de passar dada a crise geral do capitalismo. Uma série de redefinições — fim do governo Médici — principia lentamente a construção da nova estrutura que irá compor o presente perfil do país. A repressão, deslocando seu centro de ação/atenção, para o plano econômico, vai ter de adotar novas estratégias de dominação. Com isso, durante a década de setenta, a sociedade civil, em geral, já desacomodada, vai ter também de se rearticular. Neste contexto, a indústria cultural, suficientemente fortalecida diante da ampliação do mercado consumidor, pode e deve absorver as idéias e produtos que, anteriormente, lhe pareciam tão desafinados ao seu gosto.

MONTAGNARI, E.F. — 1968/1973: a touch of the past. *Perspectivas*, São Paulo, 7:49-54, 1984.

ABSTRACT: An outline to the study of the problems concerning youth and culture in the relation State versus society in the Brazilian social context from 1968 through 1973

KEY-WORDS: State versus society; Mass Media; Counter culture; youth; social behaviour.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BECK, J. — *El Living theatre*. Madrid, Ed. Fundamentos, 1974.
2. BOBBIO, N. — Gramsci y la concepción de la sociedad civil. In: GALLINO, L. et alii — *Gramsci y las ciencias sociales*. Buenos Aires, Siglo XXI, 1974. p. 65-93 (Cuadernos de Pasado y Presente, 19).
3. BRUNI, J. C. — *Ideologia e cultura*. São Paulo, USP, 1980 (mimeog.).
4. ECO, H. — *Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1970.
5. HABERMAS, J. — *Cultura e crítica*. Torino, Einaudi, 1980.
6. HOLANDA, H. B. de & GONÇALVES, M. A. — *Cultura e participações nos anos 60*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
7. MACIEL, L. C. — *Negócio seguinte*. Rio de Janeiro, Codecri, 1982.
8. PASOLINI, P. P. — *Caos: crônicas políticas*. São Paulo, Brasiliense, 1982.